



POR ELIZABETH DE CARVALHAES,
PRESIDENTE EXECUTIVA DA ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE CELULOSE E PAPEL (BRACELPA)
✉: FALECONOSCO@BRACELPA.ORG.BR

ESFORÇOS DO SETOR NO SEGUNDO SEMESTRE

Os temores de agravamento da crise econômica global bateram à porta no Brasil e começam a ser notados nas perspectivas para o segundo semestre. Já se fala em crescimento do PIB nacional abaixo de 2%, o que se traduz – via de regra – em queda de produção, consumo, exportações e investimentos.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) rebaixou de 2%, no primeiro trimestre, para 1,6% a previsão de crescimento da indústria para 2012, com base no desempenho do segundo trimestre. De acordo com a entidade, portanto, as perspectivas para o fechamento deste ano não são animadoras: 1% de crescimento para a indústria de transformação, 2% para a extrativa e 3% para a de construção.

Apesar da manutenção dos níveis de produção do setor de celulose e papel em relação ao ano passado, um cenário de desaquecimento começa a se desenhar: de um lado, pelas sucessivas quedas registradas na receita de exportação dos produtos (que acumulou retração de 7% nos cinco primeiros meses do ano); de outro, pelo risco de queda do consumo interno e pelo aumento das importações em alguns segmentos, como papelcartão. Isso levou as empresas e a Bracelpa a manifestarem sua preocupação ao governo, diante da possibilidade de o setor registrar crescimento insignificante em 2012.

Dois fatores poderiam influenciar positivamente nesse quadro: a inclusão da celulose no Regime Especial de Reintegração de Valores Tributários para as Empresas Exportadoras (Reintegra), que prevê devolução de valores referentes a custos tributários residuais existentes nas cadeias de produção, limitados a 3% do valor exportado, bem como a desoneração da folha de pagamento, que substitui a cobrança de 20% sobre a folha por recolhimento de 1% sobre a receita do mercado interno. Isso tornaria o produto brasileiro mais competitivo, principalmente no mercado internacional.

Embora já tenha apresentado propostas com esses temas, o setor ainda aguarda uma resposta afirmativa do governo federal sobre a incorporação da celulose no Reintegra. Isso porque, em um momento em que o País precisa de todo o empenho empresarial, tal incentivo do governo causaria um efeito muito posi-

vo no mercado, incluindo mais um importante produto industrial na lista dos já contemplados pelo Plano Brasil Maior – todos os papéis e o papelcartão.

A Câmara dos Deputados, derrubando barreiras político-partidárias, aprovou recentemente (17.07) as Medidas Provisórias n.ºs 563 e 564, que tratam de desoneração da folha de pagamento e de incentivos à indústria por meio do Programa Revitaliza, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que terá aporte de R\$ 45 bilhões para ampliar a capacidade de fornecer crédito de longo prazo. Esse é um claro sinal de que a economia não supera a crise internacional somente com base nas leis de mercado e de que, portanto, os incentivos são necessários. Este é o momento, então, de o governo ampliar seu raio de ação sobre setores e detalhes importantes, para preservar a economia do País.

Nesse sentido, vale citar como bom exemplo o combate ao desvio de finalidade do papel imune. Graças à extensão do Sistema de Reconhecimento e Controle das Operações com Papel Imune (Recopi) de São Paulo para todo o território nacional, haverá mais controle das operações para enfrentar um dos mais graves problemas da indústria do País. A fiscalização será primordial e fará a diferença no resultado dessa iniciativa.

Com o peso e a importância do setor brasileiro de celulose e papel no mercado mundial, que ocupa a quarta posição entre os países produtores de celulose e a décima entre os de papel, não temos dúvida de que podemos ajudar a aquecer o mercado e a frear a possibilidade de ocorrer uma maior queda do PIB no segundo semestre.

Em um cenário de perspectivas sombrias para as economias dos Estados Unidos e da União Europeia – e até mesmo pouco estimulantes para a China –, o Brasil não pode perder oportunidades de aquecer o mercado interno e estimular o superávit na balança comercial. Neste ano, o PIB brasileiro pode crescer menos do que o americano. Trata-se de uma situação de austeridade pela qual devemos passar, buscando sofrer os menores danos possíveis. É nessa direção que o setor está focando esforços neste segundo semestre. ■